Combate, proximidade, missão (12): Edificar sobre rocha. O plano de vida espiritual (II)

O caminho que percorremos junto de Deus está marcado tanto por tempos de bonança como por dificuldades e fadigas. As práticas cristãs, que formam o plano de vida, animam-nos e oferecem segurança nesta aventura. Sobretudo, ajudam-nos a redescobrir que o Senhor permanece sempre ao nosso lado.

Leia a primeira parte deste editorial: «Em casa e a caminho, deitado e levantado»: o plano de vida (I)

Durante os seus anos em Nazaré, Jesus conheceu a fundo o trabalho manual; talvez inclusive o da construção. São Mateus dá-nos a entender isso quando, no final do Sermão da montanha, recolhe uma comparação de que o Mestre se serviu uma vez para explicar como devíamos assimilar os seus ensinamentos. Jesus fala de dois tipos de construtores: um que edifica a sua casa sobre a areia, e outro que escolhe edificar sobre a rocha (cf. Mt 7, 24-27). As casas são aparentemente semelhantes, porque ambas estão

construídas a partir das mesmas palavras de Jesus, mas o tempo revelará até que ponto uma é muito mais frágil do que a outra. Quando chegam as dificuldades - quando cai a chuva, chegam as inundações e os ventos sopram e atingem a casa -, torna-se mais evidente de que não basta ter uma noção abstrata e teórica da vida cristã: ficar aí seria como edificar sobre a areia. Por isso, precisamos de frequentar Jesus, manter um contacto assíduo com Ele: acostumar-nos a ouvi-l'O atentamente na oração, e cultivar outros hábitos estáveis, duradouros, que nos ajudarão a pôr em prática as suas palavras. Assim poderemos viver d'Ele, não só nos tempos de bonança, como também nos momentos em que a nossa fé e as nossas convicções forem postas à prova.

São Josemaria expressava algo muito semelhante a partir de uma

lembrança de infância, que se aproxima da vida interior a partir da imagem do caminho: «Ficaram bem gravados na minha cabeça de menino aqueles sinais que, nas montanhas da minha terra, colocavam nas bermas dos caminhos. Chamaram-me a atenção uns paus altos, geralmente pintados de vermelho. Explicaram-me então que, quando a neve cai e cobre os caminhos, sementeiras e pastos, bosques, rochedos e barrancos, essas estacas saltam à vista como pontos de referência seguros. E assim toda a gente sabe por onde vai o caminho». Na vida de um cristão, continuava, acontece uma coisa parecida: «Há primaveras e verões, mas também chegam os invernos, dias sem sol e noites órfãs de lua. Não podemos permitir que a intimidade com Jesus Cristo dependa do nosso estado de espírito ou das mudanças do nosso carácter». E é precisamente nesses momentos mais difíceis, concluía,

que um plano de vida espiritual se torna mais necessário: essas práticas, «bem arreigadas e ajustadas às circunstâncias próprias de cada um, serão como os tais paus pintados de vermelho, que continuam a marcarnos o rumo, até que o Senhor decida que brilhe de novo o sol, se derreta o gelo e o coração volte a vibrar, inflamado com um fogo que, na realidade, nunca esteve apagado - foi apenas um rescaldo oculto pela cinza de uma temporada de provação, de menos empenho ou de reduzido sacrifício»[1].

Crescer nas crises

É muito normal que, no decorrer da vida, uma pessoa tenha de atravessar momentos de crises, de maior ou menor importância. Sucede, por exemplo, que os jovens se entusiasmam com grandes ideais e se lançam à aventura sem refletir muito; ao adquirir mais experiência,

no entanto, desanimam: constatam como é difícil mudar o mundo, ou mesmo simplesmente mudar-se a si mesmo; ou surpreendem-se pela facilidade com que as suas emoções, anteriormente fortes e que talvez considerassem ser garantia da estabilidade das suas convicções, cedem perante novas circunstâncias. Também há momentos da vida, pontos de viragem como a chegada da idade adulta ou da reforma, em que naturalmente se tem tendência a fazer um balanço do caminho percorrido, e em que passam para primeiro plano os fracassos, as deceções, o que podia ter sido e não foi; pode então tornar-se difícil aceitar a própria história, turva-se talvez a vista para valorizar e agradecer tantas coisas boas, e procura-se consolo no que São Josemaria chamou, com um jogo de palavras intraduzíveis, a mística do oxalá: «oxalá não me tivesse casado, oxalá não tivesse essa profissão,

oxalá tivesse mais saúde, ou menos anos, ou mais tempo!»[3].

Estas e outras crises semelhantes não são – não deveriam ser – momentos sem Deus: também aí, até mais ainda, o Senhor está perto de nós e continua a dar-se sem medida. Por isto, as crises são oportunidades importantes para crescer na relação com Deus, que pode fazer florescer o deserto e extrair fruto da terra árida (Is 35, 1). O idealismo juvenil pode ser purificado e elevado pela graça, mas precisa de amadurecer para chegar a ser verdadeiramente sobrenatural. Os contratempos e as deceções não nos devem converter em cínicos «realistas», porque o simples conhecimento das nossas limitações naturais está longe de ser toda a verdade sobre nós próprios e sobre a história humana. Estes momentos, que podem ser duros, são lugares de amadurecimento, em que o Senhor nos quer dilatar o coração. Um

escritor francês disse-o de modo eloquente: «O homem tem lugares no seu pobre coração que não começam a existir até que a dor entra neles, de modo que possam *ser*»^[4].

Do mesmo modo que o amor humano se constrói e se aprofunda passando tempo juntos (sofrendo juntos!), assim o nosso amor a Deus se fortalece e se renova pela frequência, pela «união com Cristo no Pão e na Palavra, na Sagrada Hóstia e na oração»^[5], nas suas diferentes modalidades: adoração silenciosa, diálogo confiado, exame de consciência, oração vocal, etc. Estes e outros hábitos semelhantes não são uma lista entediante de coisas para fazer, mas encontros que despertam, avivam e enriquecem a relação com Deus, e, a partir dela, as relações com os outros, que se tornam mais fortes e profundas.

Com o coração aberto a Deus

«Com o mesmo coração com que amei os meus pais e amo os meus amigos, com esse mesmo coração amo Cristo, e o Pai, o Espírito Santo e Santa Maria»^[6]. A vida espiritual é fundamentalmente uma relação de amor, e por isso a beleza e os desafios do amor humano são como um livro aberto para compreender melhor os seus dinamismos. Assim, por exemplo, quando o compromisso de um casal se debilita, pode ser em parte porque marido e mulher se foram distanciando progressivamente. Trata-se de um perigo constante numa relação estreita: que ambos não amadureçam e cresçam juntos, porque a vida de cada um adquire novas dimensões que não são partilhadas com a outra pessoa, e que não são integradas na sua aventura comum.

Algo de semelhante pode acontecer na nossa vida espiritual. Deus não

muda, mas nós, sim; e é necessário partilharmos com Ele, num diálogo íntimo e contínuo, tudo o que nos acontece e nos habita, desde os êxitos ou fracassos profissionais até aos nossos hobbies e assuntos familiares: viver todas as coisas «com o coração aberto para Deus, de maneira que o trabalho, também na doença, inclusive na dificuldade, esteja aberto a Deus»^[7]. Assim, à medida que avançamos pela vida, o Senhor poderá revelar-nos novas dimensões dos tesouros de sabedoria e conhecimento escondidos em Cristo (cf. Cl 2, 3): essa sabedoria que se adquire no silêncio da oração, nos momentos de ação de graças depois da comunhão, na contemplação das palavras e da vida de Jesus nos Evangelhos. Os discípulos de Emaús, «na sua misteriosa caminhada com Cristo ressuscitado, viviam um momento de angústia, confusão, desespero, desilusão. No entanto, para lá disso, e apesar de tudo, algo

ocorria no mais profundo: "Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?" (Lc 24, 32)»[8]...

Precisamos de nos deixar ajudar, e ajudar também os outros, de modo que a nossa vida espiritual não se limite a «seguir em frente». Como nos recordou o Mons. Fernando Ocáriz, «a formação, ao longo de toda a vida, sem negligenciar a sua necessária exigência, tende em larga medida a abrir horizontes»[9]. A nossa leitura espiritual, e os textos e recursos que utilizamos para alimentar e enriquecer a nossa fé, devem ser bem escolhidos para nos ajudar a aprofundar na nossa experiência de Deus, abrindo-nos novas perspetivas e falando às necessidades do nosso coração, que serão diferentes consoante as pessoas e os momentos. O Espírito Santo servir-se-á desses esforços, sempre modestos em comparação

com os seus dons, para fazer a Sua obra em nós.

Mas detenhamo-nos ainda em outra analogia com o amor humano. Vimos anteriormente que um inimigo de uma relação é que o casal deixe de se ver com regularidade, mas outro perigo também importante é que, apesar de se verem, não falem verdadeiramente: estão presentes com o corpo, mas não com a alma; não abrem o coração e não escutam com real interesse. Em tal caso, passar tempo juntos pode converterse num peso; e vice-versa, renunciar a esse tempo pode apresentar-se como uma libertação. Algo parecido pode suceder na vida espiritual se uma pessoa segue um plano somente para cumprir uma obrigação. São Josemaria falava deste tipo de rotina como o «verdadeiro sepulcro da piedade»[10].

Perante este risco, é animador pensar que estamos chamados a «começar e recomeçar» muitas vezes ao longo do caminho[11]. Tal como os casais que continuam a amar-se, depois de tantos anos, podem dizer um ao outro "obrigado" e "desculpa" por muitas pequenas coisas, também nós precisaremos com frequência de retomar um hábito que começámos a descuidar, colocar mais a cabeça e o coração na nossa leitura espiritual, ou redescobrir o valor de algumas orações tradicionais antes ou depois da Missa, se percebemos que nos distraímos facilmente.

Deste modo entende-se porque a fidelidade ao plano de vida não consiste em aspirar a conseguir uma "execução perfeita", como se fossemos solistas num concerto de câmara ou atletas numa competição olímpica de ginástica artística. Tratase pelo contrário de permanecer no amor de Deus (cf. Jo 15, 9): descobrir

e redescobrir, cada vez um pouco mais, o único fundamento sólido sobre o qual podemos construir a nossa vida. E de encontrar nessa rocha firme a alegria e a paz que o nosso coração anseia: «Descansa na filiação divina. Deus é um Pai – o teu Pai! – cheio de ternura, de infinito amor. Chama-lhe Pai muitas vezes e diz-lhe, a sós, que o amas, que o amas muito, muito, que sentes o orgulho e a força de ser seu filho»^[12].

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 151.

[2] cf. São Josemaria, *Carta* 2, n. 22, sobre a «crise dos 40 anos»; mais em geral, cf. Romano Guardini, *Las etapas de la vida*, Madrid, Palabra, 2022.

[3] São Josemaria, Entrevistas a São Josemaria, n. 88; cf. Camino, Edición

crítico-histórica, comentário ao n. 832; J. Peña, «Mística ojalatera y realismo en la santidad de la vida ordinaria», Anuario Filosófico, 2002 (35), 629-654. N. T.: no original: «mística ojalatera», que soa também como mística hojalatera, dando origem ao duplo sentido de mística do oxalá ou mística do latoeiro (ou seja, de pouco valor).

- [4] L. Bloy, Lettre, 25-04-1873, *Lettres de jeunesse*, 1870-1893, Paris, Édouard-Joseph, 1920.
- [5] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 118.
- [6] Ibid., n. 166.
- [7] Francisco, Audiência, 21/06/2017.
- [8] Francisco, Dilexit nos, n. 7.
- [9] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 11.

[10] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 150.

[11] cf. São Josemaria, *Caminho*, n. 292; *Forja*, n. 384.

[12] São Josemaria, *Forja*, n. 331.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/edificar-sobre-rocha-o-plano-de-vida-espiritual-ii/ (19/11/2025)